

CANUDOS – UM PASSADO QUE ASSOMBRA O PRESENTE

Clímaco Dias*

Luiz Paulo Almeida Neiva*

Este artigo pretende abordar alguns aspectos sócio-econômicos do movimento social de Canudos, deflagrado no final do século passado, e a tentativa de relacioná-lo com os dias atuais, identificando causas remanescentes, questões recorrentes, ações de preservação da memória do movimento e possibilidades para a promoção do desenvolvimento local.

Os olhares lançados sobre a comunidade do Belo Monte, desde a sua fundação em junho de 1893, até a sua completa destruição em 5 de outubro de 1897, observam-se as mais díspares e contraditórias leituras. A cada tema proposto sobre Canudos é sempre muito provável que se tenha duas ou mais visões, e a cada nova estrada aberta na investigação deste conflito é também, caminho para novas leituras. Esta comunicação se remete a uma leitura de Canudos, nos idos da época do massacre, e, outra leitura, pós-massacre dos dias atuais.

Canudos de Belo Monte

Como viviam os Canudenses antes da eclosão da guerra? Como era organizada a sua economia? Quais recursos naturais se dispunham? Os recursos naturais e os bens materiais disponíveis eram suficientes para garantir a sobrevivência da comunidade? Existia fome em Canudos?

Estas são algumas perguntas que sempre instigaram o debate sobre a guerra de Canudos, pois, as suas respostas, certamente trarão uma compreensão mais clara sobre um dos conflitos mais complexos da história do Brasil.

Algumas dessas perguntas, não se tem dúvidas que não se terá respostas definitivas, mesmo porque, muito dos testemunhos não foram recolhidos, e outros tantos foram queimados no fogo que ardeu no Belo Monte; outros sucumbiram crivados pelas balas de rifles, fuzis e canhões, e por último, as águas do açude Cocorobó arrastaram outra parte da memória.

O primeiro relato sobre o cotidiano de Canudos, e provavelmente a primeira descrição sobre o arraial, é feito pelo Frei Evangelista de Monte Marciano, que acompanhado do frei Caetano de São Leo e do padre do Cumbe Vicente Sabino dos Santos, encetou uma missão ao povoado, que tinha como objetivo principal convencer Antônio Conselheiro e os seus seguidores a abandonarem a idéia de construir uma comunidade independente das leis do Estado. Esta missão, originou-se de um pedido feito pelo governador Rodrigues Lima ao arcebispo da Bahia D. Jerônimo Tomé, e as impressões do Frei são fortemente influenciadas pelo consenso que já se formava nos grupos de poder sobre a necessidade de dispersar Antônio Conselheiro e sua gente.

* Pesquisadores do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/PPG/UNEB

As falas em oposição, tão comuns quando se trata das temáticas de Canudos, podem ser observadas na voz do Frei Evangelista ⁽¹⁾:

“chegamos ao côro, aproveitei a ocasião de estarmos quase sós, e disse-lhe que o fim a que eu ia era todo de paz, e que assim muito estranhava só enxergar ali homens armados, e não podia deixar de condenar que se reunissem em um lugar tão pobre tantas famílias, entres à ociosidade é num abandono e miséria tais, que diariamente se davam de 8 a 9 óbitos”.

Fica claro que o Frei tenta pintar Canudos com as piores cores que ele dispunha, pois a se confirmar tal estatística, deste período em que a missão lá esteve até o início da guerra, mais de 5000 pessoas teriam sucumbido em Canudos vitimadas pela fome e doenças.

Adiante, em seu relatório, o Frei Evangelista, deixa escapar uma de suas muitas contradições quando afirma:

“As mulheres se ocupam em preparar a comida, coser e enfeitar os gorros de que usam os homens; e a noite vão cantar benditos na latada, acendendo fogueiras quando é tempo de frio”.

Pergunta-se: Onde está a ociosidade descrita pelo Frei? Se as mulheres faziam comida, de onde vinha essa comida, e onde estava a fome?

O contraponto à descrição do Frei, talvez possa ser encontrado nos depoimentos dos sobreviventes, dados em diferentes épocas a diferentes estudiosos. O primeiro é Manuel Ciriaco que em entrevista ao jornalista Odorico Tavares⁽²⁾ faz o seguinte comentário:

“No tempo do Conselheiro, não gosto nem de falar para não passar por mentiroso, havia de tudo, por estes arredores. Dava de tudo e até cana de açúcar de se descascar com a unha, nascia bonita por estes lados. Legume em abundância e chuvas à vontade. Esse tempo, parece mentira... ” .

Outro jornalista, Nertan Macedo⁽³⁾, já em 1962, faz uma memorável entrevista com Honório Vila Nova irmão de Antônio Vila Nova, um dos principais comerciantes de Canudos, e homem da confiança do Conselheiro. Em determinado momento da conversa, Honório faz esta revelação:

“Grande era a Canudos do meu tempo. quem tinha roça tratava da roça, na beira do rio, quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra estimada pelo Peregrino. Adiante o sobrevivente esclarece: “Os mascates que chegavam a Canudos viam a nassa paz, prosperidade e riqueza, e saiam propalando pelo mundo.... Não havia precisão de roubar em Canudos porque tudo existia em abundância, gado e roçado, provisões não faltavam”.

É evidente que as falas dos sobreviventes poderiam estar imbuídas de saudosismo e isso tenha favorecido alguns exageros, no entanto, o escritor Manoel Benício⁽⁴⁾ ex-militar e correspondente da Guerra de Canudos, corrobora com esses depoimentos, quando ao falar de Canudos se refere da seguinte maneira:

"As margens frescas do rio eram cultivadas com plantações de diversos legumes, milho, feijão grogotuba, favas, batatas, melancias, Jerimus, e melões, canas etc. Pela vizinhança, os pequenos cultores da terra, em Canudos, possuíam sítios, pomares, fazendas de criação de bode, animais vacum e cavalares... As mulheres não estavam inativas. As mais pobres e miseráveis fabricavam farinha de bró e parreira. Traziam das caatingas as linhas do ouricuri-coqueiro, que depois de raspadas, eram esmagadas a macetes e piladas no gral bojudo de madeira de lei... As moças fabricavam redes de cruá, indo buscar na caatingas feixes dessas bromélias de que tiravam fibras da casca verde, pilando-as e deixando-as em seguida ao sol para enxugar. Secas e desfiadas, eram torcidas como algodão no fuso, seguindo daí para os teares. Enquanto isto, o malho dos ferreiros batendo nas bigornas e zunindo como um grito de araponga anunciava que não havia falta de foice, faca, chuços e machados..."

Euclides da Cunha em *Os Sertões*⁽⁵⁾, faz coro com aqueles que achavam que Canudos era um lugar que só tinha miseráveis, fato é que, no capítulo dedicado a Canudos, cita parte dos relatos do Frei Evangelista. Euclides vê o Belo Monte com o olhar do preconceito quando diz:

"O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas. A edificação rudimentar permitia á multidão sem lares fazer até doze casas por dia; e, a medida que se formava, a tapera colossal parecia estereografar a feição moral da sociedade ali acoitada. Era a objetivação daquela insônia imensa. Documento iniludível permitindo o corpo delito direto sobre os desmandos de um povo. Aquilo se fazia a esmo, adoidadamente. A urbs monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro... O mesmo desconforto e sobretudo a mesma pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça".

A exemplo do documento do Frei Evangelista, Euclides expõe as suas falas contraditórias, ao descrever a entrada dos soldados da terceira expedição no arraial:

"Quase sempre, depois de expugnar a casa, o soldado faminto não se forrava a ânsia de almoçar , afinal, em Canudos. Esquadrinhava os giraus suspensos. Alí estavam carnes secas ao sol; cuias cheias de paçoca, a farinha de guerra do sertanejo; aiós repletos de ouricuri saboroso. A um canto os bogós transudantes, tímidos de água cristalina e fresca".

O que pode se observar neste trecho é que mesmo depois de enfrentarem duas expedições militares, no auge da terceira expedição, os Canudenses ainda tinham reservas alimentares capazes de saciar a fome das tropas famintas.

A conclusão que se pode tirar desses depoimentos a partir de pessoas que testemunharam o cotidiano do arraial, seja no período anterior à guerra ou durante a mesma, é de que Canudos foi uma comunidade que por se organizar de forma solidária e coletiva, conseguiu transpor alguns obstáculos que o meio natural colocava para a sua sobrevivência. É certo que de 1893 a 1897, as chuvas ocorreram de forma regular, não existindo anos que se caracterizassem como secos. Também é importante para se entender como vivia a comunidade, observar que àquela época o meio circundante de Canudos oferecia uma multiplicidade de alimentos e de matérias primas para confecção dos artefatos, que hoje, fruto do desmatamento e degradação do solo, já não existem.

Por fim, cabe destacar que o espírito de solidariedade existente no Belo Monte favorecia, sobremaneira, o estabelecimento de melhores condições de vida da população que alí habitava.

Canudos pós-massacre

Mesmo que o Belo Monte não tenha sido um entreposto comercial, não se pode negar que a comunidade mantinha intensa atividade comercial com os municípios vizinhos, os quais deveriam suprir a comunidade de calçados, vela, querosene, fumo, artigos de cutelaria, instrumentos agrícolas, rede, artigos de cerâmica etc. Assim, as evidências sugerem que deveria haver renda para adquirir esses bens. E essa renda só poderia advir da atividade agropastoril, porque não parecia viável que uma comunidade com cerca de 15000 pessoas pudesse sobreviver, às custas de esmolas e doações. Assim, se está convencido que havia em Belo Monte atividades econômicas que possibilitaram o crescimento tão expressivo da comunidade, capaz de infligir três fragorosas derrotas ao Exército Nacional, e que só não infligiu uma quarta derrota pela superioridade em armamentos pesados das forças armadas.

Cinquenta anos após o massacre, o Governo Federal realiza uma segunda intervenção em Canudos, desta feita construindo o açude Cocorobó, à época o segundo maior do país; este açude foi significativo na economia municipal e regional, estimulando a pesca de subsistência e comercial, e utilização de áreas irrigadas que passaram a produzir uma pauta diversificada de produtos, especialmente o Perímetro Irrigado do Vaza Barris, em Canudos. Neste caso a ausência histórica de uma reestruturação fundiária e de uma política de utilização plena do açude mostra-se como indicadores de uma realidade extremamente frágil: cerca de 46% das famílias são indigentes, ou seja, 1.368 unidades familiares, o que demonstra que Canudos é uma área muito pobre, e segundo o Censo de 1991, 65% dos chefes de família recebiam remuneração ente 0 e 1 salário mínimo mensal. 52% das pessoas acima de 15 anos não são alfabetizadas.

A análise da posse e uso da terra, revela que há uma proletarização de grandes contingentes da população no meio rural, de um lado a minifundização que é provocada pelo crescimento da família do pequeno produtor, e do outro lado uma concentração de terras nas mãos de uma minoria de privilegiados. Em 1985 o número de estabelecimentos de 0 a 10 hectares representava 74% do número total de propriedades, enquanto participava com apenas 8% da área total dos estabelecimentos. Por outro lado, os estabelecimentos superiores ao estrato de 100 hectares representavam 4% do número total das propriedades, ao passo que alcançavam 70% da área total dos estabelecimentos.

Outras fragilidades apresentadas por Canudos são: as atividades do perímetro irrigado estiveram, ao longo do tempo, basicamente subordinadas ao grande capital e dirigida para a produção de sementes, porém hoje, com predominância da cultura da banana; pouca opção para aproveitamento da produção hortifrutigrangeira; pesca predatória praticada pelos habitantes do município e de outros locais e, até mesmo, por pescadores profissionais; coleta predatória do mel produzido por espécies de abelhas nativas que são importantes na reprodução da flora da caatinga; com o déficit hídrico agravado nos últimos tempos o açude que tem uma capacidade de acumulação de água de 245.000.000 m³, dispõe hoje de menos de 10% deste volume, e as medidas de racionamento de água tendem a comprometer até mesmo ao abastecimento humano, caso no próximo período chuvoso não haja precipitações pluviométricas significativas.

Em 1991, 63% dos domicílios de Canudos não tinham canalização interna e apenas 36% dos domicílios eram ligados à rede geral de abastecimento de água. Na sede, apesar da

existência de estação de tratamento, apenas 46% estavam ligados à rede. Os profissionais de saúde vem atestando que os adultos sofrem em grande escala de hipertensão, cárie dental, pneumonia, tuberculose, diabetes, amebíase e esquistossomose. E as crianças de: desnutrição, infecções respiratórias (pneumonia), poliverminoses e diarreias.

Levantamento realizado no mês de março de 1997, no Centro de Saúde de Canudos, revela que 22% das crianças de 0 a 5 meses encontravam-se desnutridas em razão da desmama precoce. No total das crianças de 0 a 5 anos encontrou-se uma taxa de desnutrição geral de 19% e alta ocorrência de crianças "nanicas" - indicador de desnutrição de longo prazo. O programa de agentes comunitários, constatou em agosto de 1997, que 44% das crianças urbanas da faixa de 0 a 2 anos apresentavam desnutrição.

Esses dados são os mais duros indicadores da fome crônica que vem atingindo principalmente as crianças de Canudos. Corroborando esses dados o Índice de Condição de Sobrevivência-ICS* para crianças de 0 a 6 anos é de 0,57 estando pois, situado na faixa considerada precária.

Continua assim a exclusão econômico-social de Canudos embora ofereça potencialidades econômicas capazes de modificar o **status-quo**.

Em 1996 doenças do aparelho cardiovascular foram responsáveis por 42,5% dos óbitos, seguido de sinais e sintomas mal definidos com 37,5% dos casos, que no geral se relacionam a óbitos sem assistência médica. As neoplasias representavam 7,5%. Portanto há uma predominância de doenças da pobreza (fome, afecções respiratórias, verminoses), associada às doenças do mundo moderno, que são as crônicas degenerativas (hipertensão, diabetes, obesidade, tabagismo).

O padrão de desenvolvimento pós-açude de Cocorobó, que já exhibe uma área de 700 hectares salinizados, significa uma agressão ambiental, a qual obviamente, reforça um processo de empobrecimento, alicerçado, também, pela ausência de políticas públicas estruturantes. Esta ausência se reflete pela não implementação de uma política de desenvolvimento sustentável local, que leve em consideração as fragilidades locais, a potencialidade econômica, a sustentabilidade ambiental dos ecossistemas e a infra-estrutura; tendo como estratégia a organização da população voltada para a gestão adequada do seu modelo de desenvolvimento.

Instituições públicas pesquisadores estudiosos de Canudos têm contribuído para a preservação da memória de Canudos, destacando-se o papel da Universidade do Estado da Bahia, que desde 1984 desenvolve um grande esforço neste sentido. Assim é que merecem observar as seguintes ações: recuperação da memória de Canudos, envolvendo a implantação do Parque Estadual de Canudos, zona de combate da guerra, com uma área de 1.321 hectares, sendo ali demarcados sítios históricos, arqueológicos e paleontológicos; pesquisas arqueológicas, com obtenção de resultados surpreendentes, que sugerem a continuidade do projeto; organização de um acervo documental com 32 mil documentos sobre a Guerra de Canudos, já indexados e agora na forma de 23 CD ROM; realização de diversos eventos, exposições, seminários que visam difundir e discutir um dos episódios mais sangrentos da história do Brasil; publicação de relatórios, livros, revista temática sobre Canudos.

*ICS é um indicador sintético utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para a mensuração da qualidade de vida de crianças.

Canudos - novos desafios

E com a compreensão de que é preciso resgatar Canudos por inteiro, e em respeito à comunidade de um povo que há 100 anos busca uma vida mais digna - comida, terra, casa e bem-estar -, luta que se transformou nacional e se expressa nos "sem terra", "sem teto", "sem educação, etc.", a UNEB colocou os esforços de pesquisadores para pensar e definir, com a comunidade de Canudos novos cenários e novos vetores de desenvolvimento, o que resultou na elaboração do Plano de Desenvolvimento Municipal Sustentável⁽⁶⁾. Este Plano propõe a implantação de projetos compensatórios, de educação, de reforma agrária e regularização fundiária, de conservação ambiental, de infra-estrutura, agropecuário, agro-industrial, turismo e de saúde, neste caso, prioritariamente já se elaborou, também o Plano Municipal de Saúde (1998-2001)⁽⁷⁾, que permite entre outras, a habilitação do município para a gestão plena da saúde.

Intrínseca a concepção de desenvolvimento sustentável está a busca de uma nova ordem social e econômica em Canudos, regida pela solidariedade inter e intra-gerações, isto é, pelo compromisso ético-social com as gerações futuras, onde o crescimento econômico deve ser compatibilizado com a participação dos sujeitos do desenvolvimento (os atores sociais) e com a conservação do meio ambiente. A ideologia que permeia os trabalhos em relação a Canudos é a constatação de que sustentabilidade significa ainda , um rompimento com as relações de subalternidade, uma transformação das pessoas pela educação, abertura política, redistribuição de poder e de renda, participação da população para a criatividade, diálogo.

Com isto busca-se problematizar e evidenciar os diversos conflitos, equacionando-os, hierarquizando-os com vistas ao desenvolvimento local, definindo vetores para a sustentabilidade ambiental e econômica, mas também, a sustentabilidade social e política – um novo paradigma da sociedade para o enfrentamento da pobreza em Canudos.

BIBLIOGRAFIA

- 1- MONTE MARCIANO, Frei J. E. *Relatório sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos*. São Paulo, 1994.
- 2- TAVARES, O.; *Canudos cinquenta anos depois* (1947), in: Bahia Imagens da Terra do Povo, Ed. José Olímpio, 1993.
- 3- MACEDO, Nertan; *Memorial de Vila Nova* Ed. O Cruzeiro. 1964.
- 4- BENÍCIO, Manuel; *O Rei dos Jagunços*. Tipografia do Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1989.
- 5- CUNHA, E. da; *Os Sertões*, Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1991.
- 6- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Plano de Desenvolvimento Municipal Sustentável de Canudos - Centro de Estudos Euclides da Cunha. - Salvador: Gráfica da UNEB, 1997.
- 7- Universidade DO ESTADO DA BAHIA. Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Plano Municipal de Saúde Canudos 1998-2001 / Canudos - Centro de Estudos Euclides da Cunha. - Salvador: Gráfica da UNEB, 1997.